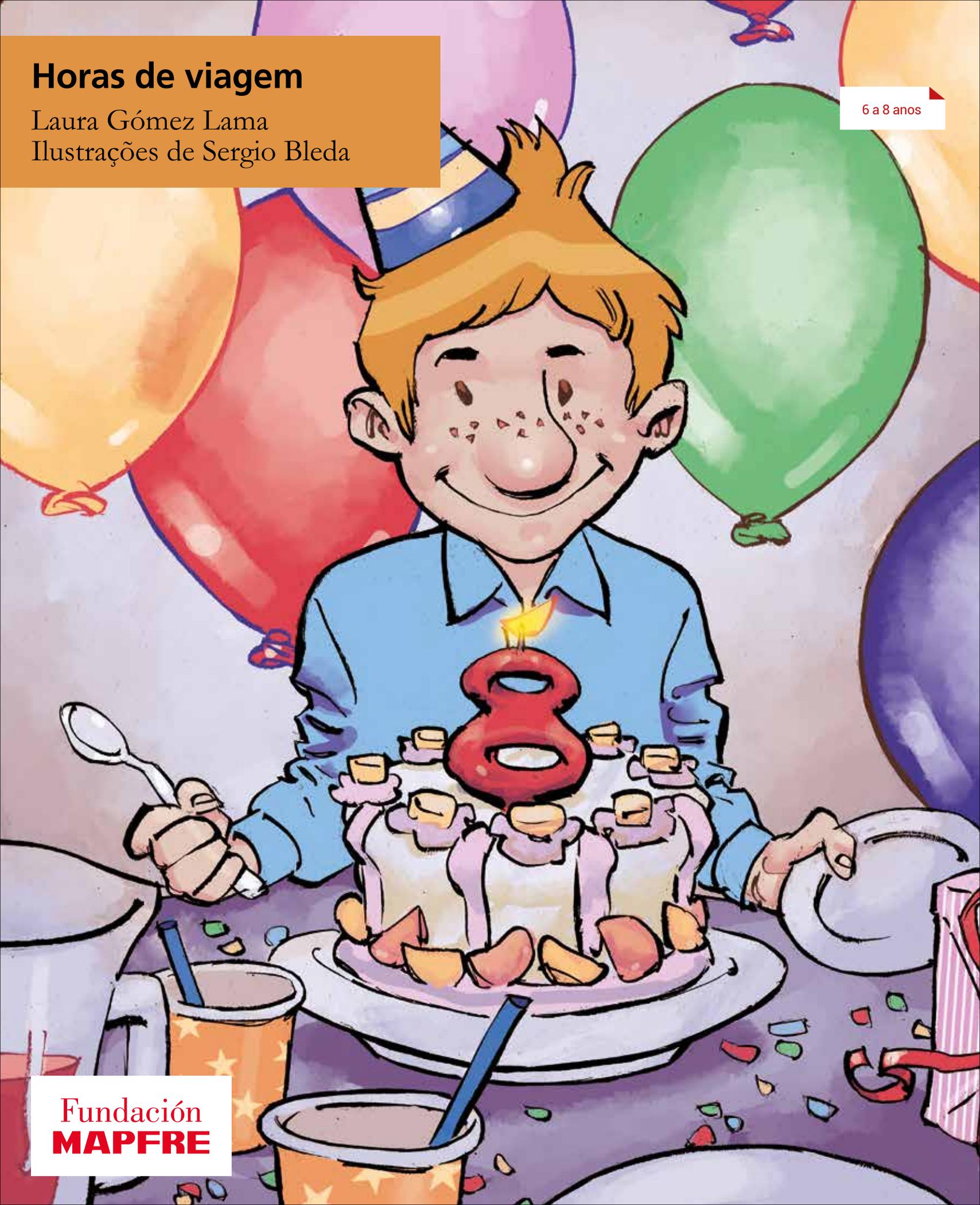


Horas de viagem

Laura Gómez Lama

Ilustrações de Sergio Bleda

6 a 8 anos



Fundación
MAPFRE

Horas de viagem, 2015.
Programa de Prevenção e Educação Viária na Sala de Aula de 6 a 8 anos.

O Programa de Prevenção e Educação Viária na Sala de Aula é uma iniciativa da Área de Prevenção e Segurança Viária da FUNDACIÓN MAPFRE, dirigida a todos os níveis educacionais de 3 a 16 anos, para promover a prevenção e as boas práticas viárias nas escolas.

Direção do projeto: Área de Prevenção e Segurança Viária – FUNDACIÓN MAPFRE.

Coordenação: Territorio creativo.

Edição e design didático: La Llave. Gestión y producción cultural.
Design e layout: Rebeca López González e M. Isabel Martínez Jiménez.
Produção audiovisual: La Llave. Gestión y producción cultural.
Animação: Vicente Mallols.

© Do texto: Laura Gómez Lama.
© Das ilustrações: Sergio Bleda.

© Desta edição:
FUNDACIÓN MAPFRE
Área de Prevenção e Segurança Viária
Paseo de Recoletos, 23
28004 Madrid
www.fundacionmapfre.org

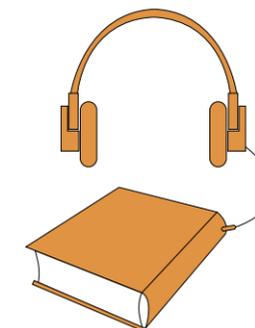
Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou modificação desta obra só poderá ser feita mediante autorização, salvo em exceções previstas por lei.

I.S.B.N.: 978-84-9844-546-6
Depósito legal: M-26430-2015

Horas de viagem

Laura Gómez Lama

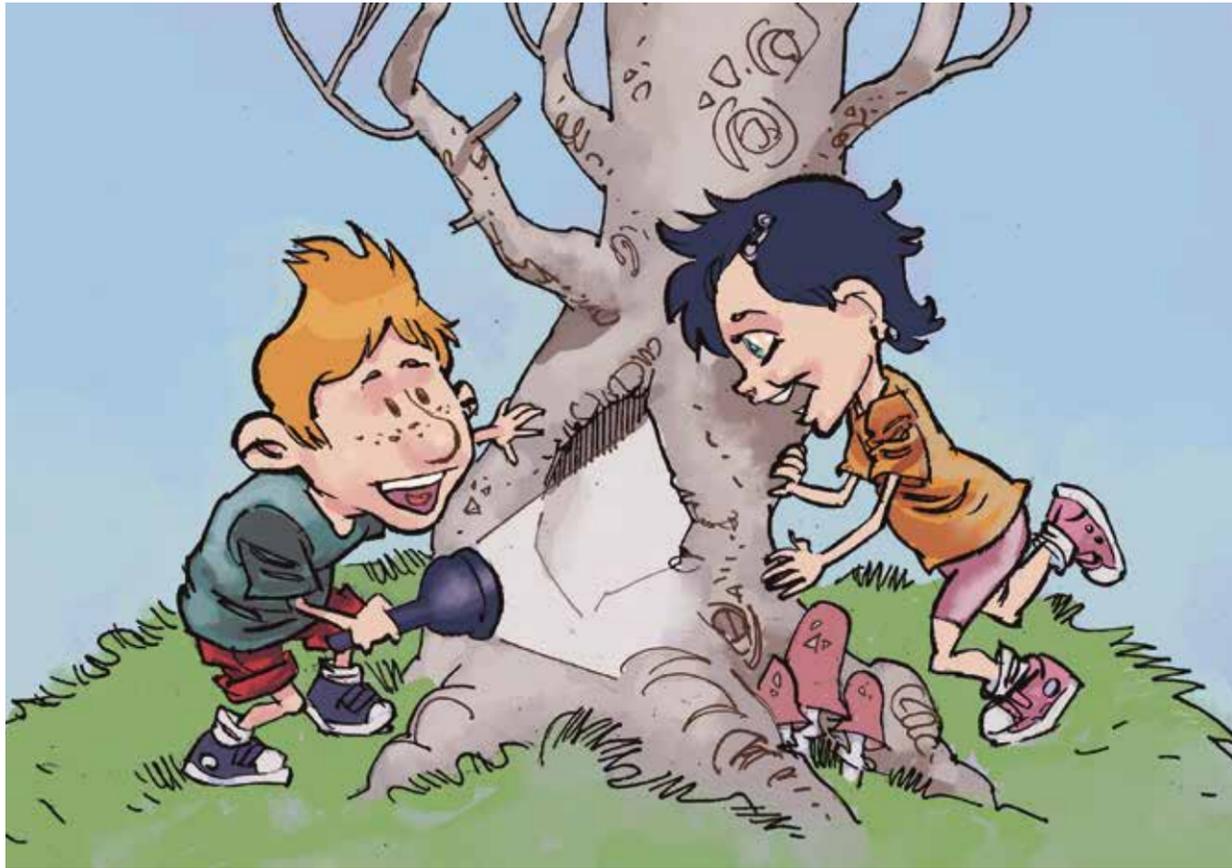
Ilustrações de
Sergio Bleda



Era manhã de 1 de novembro, dia em que Vicky completava oito anos. Era ótimo comemorar o aniversário naquela data, pois era sempre feriado e todos seus amigos vinham fantasiados por causa do Halloween. À medida que o outono avançava, ia escurecendo mais cedo e Vicky se sentia muito mais velha, a ponto de poder celebrar uma festa à "noite", na qual lhe permitiam usar maquiagem.

Antonio, seu primo menor — e o único que tinha —, não gostava muito desse dia, pois não tinha graça nenhuma que sua prima favorita — ele não tinha outra — ficasse mais velha, já que ele tinha a sensação de que ela o deixaria pra trás. Não é que ele não fazia aniversário também; é que, em sua prima, os anos pareciam mais aparentes. Por exemplo, se ambos cresciam, ela sempre media mais. Se ambos tivessem a mesma idade por mais da metade do ano, ela estaria uma série à frente na escola. Se na lista de natação a chamada fosse feita pelo sobrenome, Vicky seria Vargas Heredia enquanto ele era Vargas Pérez, e entre eles sempre havia um Vargas Iglesias, Vargas López...

A verdade é que, embora houvesse apenas meio ano de diferença entre os



primos, a série na escola era o que os separava de fato, já que ela sempre chamava mais atenção por estar na frente e, é claro, nunca olhava para trás. Ou seria pra baixo? Bom, fato é que todos que estudavam na mesma série de Antonio nem existiam pra ela.

É por isso que Antonio, que antes pedia a seus pais para frequentar a mesma escola que sua prima, agora se perguntava se ela o cumprimentaria no recreio ou faria de conta que não o tinha visto nos corredores, e a verdade é que ele realmente não tinha vontade de comprovar.

Teria sido decepcionante, porque antes, quando Vicky não estava tão alta

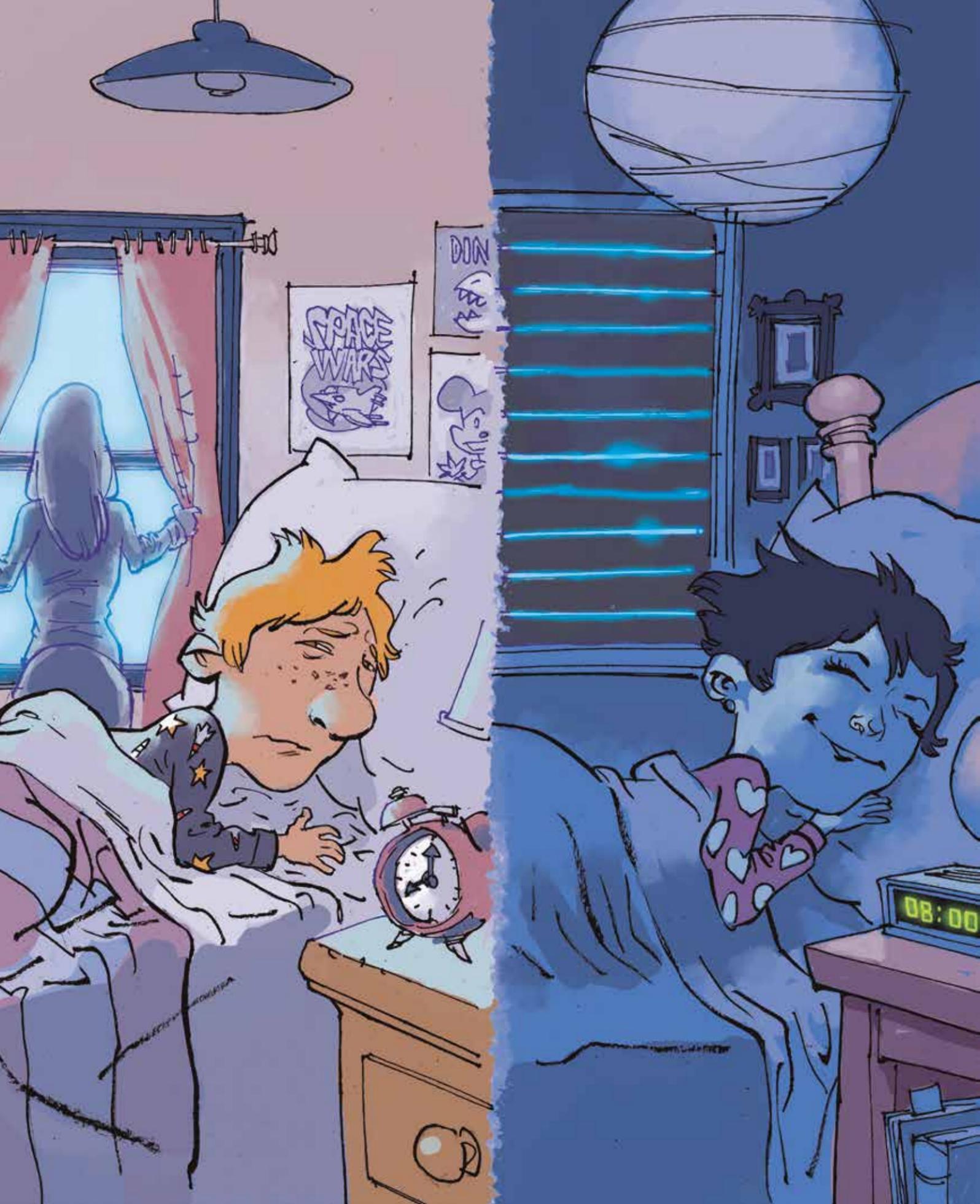
e presunçosa, ela e Antonio eram como irmãos. E quando toda a família passava o verão na casa de sua avó, Antonio não tinha a sensação de que Vicky o deixaria para trás. Sim, estava à frente, porque ela sempre aprendeu tudo em primeiro lugar, mas depois ela o ensinava e então estavam iguais. E, ainda que estar em pé de igualdade fosse mais estressante para Antonio do que para Vicky, os dois se divertiam muito fazendo o que quer que fosse.

—Vicky, vamos investigar — dizia Antonio com a lanterna azul na mão.

— Vamos — respondeu Vicky, abrindo a gaveta para tirar a lanterna vermelha do jogo que sua avó lhes havia dado.

Então eles desciam para o jardim, entrando nos cantos mais insuspeitos. "Quanto mais escuro, melhor para investigar!", lembrava Antonio com uma risada. Mas logo mudava de cara ao acordar do transe e se lembrar do quão arrogante sua prima havia se tornado. Bem, e não é que ele passou o último domingo pensando no quão legal seria ir de carro com seu pai para a escola!?

— Eu adoro ir de carro com meu pai. Você não? Ah, é verdade, você vai de ônibus. A que horas você se levanta? Ugh, eu gosto de me rolar na cama e levantar apenas a tempo de me vestir e pentear meu cabelo... Eu tomo café da manhã no carro. Antes meu pai não me deixava, porque podia me sujar, mas, no final, por eu ser tão dorminhoca, ele não teve escolha... Além disso, eu cuido muito para não me sujar. Então é ótimo tomar o café da manhã no carro e conversar com o papai sobre todas as coisas importantes que planejamos fazer todos os dias. Apesar de eu falar muito, às vezes ele tem que me pedir para parar porque precisa se concentrar na estrada. Outra coisa que eu adoro é atender o celular dele porque, como ele está dirigindo, não



pode atender ligações. Então eu me torno sua secretária. E acredito que faço isso muito bem, porque a mamãe deu-lhe um ‘mãos-livres’, mas ele sempre diz que prefere que eu me encarregue e que qualquer ligação tem que esperar até ele estacionar. Ele diz que o mais importante é a nossa segurança e nunca arranca até que todos tenham posto o cinto. Isso mesmo! Minhas amigas adoram isso. Sabia que sempre que ele vem me pegar, ele me traz um lanche? Todas morriam de inveja, mas, como eu disse, agora ele quase sempre leva algo a mais no carro para elas e, é claro, elas adoram ele!

Antonio não sabia o que responder a todas essas informações que estava recebendo ao mesmo tempo. Só conseguia pensar na fome que teria desde a saída da escola até chegar em casa e no quão sortuda sua prima era, mesmo que fosse só pelo lanche que seu pai levava. Só por ouvir falar de comida já dava água na boca do pobre Antonio. Olha! Ela certamente também seria mais pesada que ele.

— Quanto você pesa? — perguntou a sua prima.

— Isso é grosseiro — disse ela, se recompondo.

— Por quê? Eu só queria saber se eu pesava mais do que você.

— Espero que sim — ela disse, olhando para o primo de cima até embaixo — Olha, Toninho, essas coisas não se devem perguntar às garotas, assim como não se pergunta se elas têm namorado.

— Você tem?

— Vê se cresce! — respondeu ela, levantando-se da cadeira e atravessando o corredor com um andar muito estranho.



Para Antonio, toda essa conversa — que Vicky teve com ela mesma — lhe gerou outra dúvida sobre sua prima: será que ela ainda usava a cadeirinha para carro? Mas ele não a perguntou, pois supôs que também não deveria perguntar essas coisas.

O tempo passou e o dia 22 de abril chegou, dia em que Antonio completava oito anos. "Voltamos a nos encontrar", pensou ele quando estava na frente do bolo. Na verdade, era junto ao curso anual que chegava o dia — que dia? O grande-dia — no qual começavam os seis meses, uma semana e dois dias em que Vicky e Antonio tinham a mesma idade. Além disso, Antonio já havia crescido bastante e, embora continuasse a comer como um elefante, seu corpo estava ficando cada vez mais alto e magro, então ele teria gostado de perguntar para sua prima quanto ela estava medindo, mas como essas coisas não se perguntam, ele ainda não tinha certeza se tinha conseguido alcançar ela. "Tem que ver como as coisas mudam quando você envelhece" — pensou ele, lembrando quando sua avó os colocou contra uma parede e fez um sinal para cada um. "E agora é o segredo!"

Quando o curso terminou, era oficial: ainda não tinha os números, mas os comentários falavam por si mesmos.

— Meu deus, Antonio! O que você tem feito para crescer tanto? — perguntou Vicky um dia na piscina municipal.

— Bom, o de sempre: comer, dormir...

— E comer de novo, não é? Como você consegue!

- É que antes eu crescia na largura e agora na altura.
- Escuta, você sabe alguma coisa sobre um acampamento?
- O acampamento de verão? O que há de errado com ele?
- Nada, é que a minha mãe disse que talvez eles vão me mandar pra lá com você em agosto. Disse que é pra ver se eu paro de ser boba. Do que você está rindo?
- Nada. É que, quando te enviarem para o acampamento, esqueça o esmalte, as saias e os cabelos soltos.
- Claro, lá ninguém me conhece...
- Então você quer ir?
- Bem capaz! Prefiro me encher de protetor solar aqui na sombra e tomar um banho de piscina. Lembre-me de que, se me mandarem, tenho que levar um protetor para não me queimar.
- E um chapéu e uma garrafa d'água.
- E repelente.
- Mas você irá?
- Não sei... Isso é um palpite...

Finalmente, o primeiro dia do acampamento chegou. No dia 10 de agosto, às oito e meia da manhã, Antonio já estava sentado no ônibus. Como chegou antes, já havia guardado sua bagagem e tinha escolhido o lugar que mais

gostava: a quarta fileira ao lado da janela. Vicky, no entanto, ainda não havia chegado. Faltavam dez minutos para o ônibus sair e a monitora começou a olhar para o relógio e murmurar: "Já deveriam estar todos aqui".

Às nove horas em ponto, horário em que deveriam estar saindo, finalmente chegou o último viajante: sua prima. Ela levava uma mala da Barbie, estava com os cabelos soltos e óculos de sol, que a impediam de encontrar seu primo. Este também não fez muito esforço para encontrá-la, já que todo o ônibus protestava por ter que esperar uma "patricinha atrasada" por mais de meia hora, tendo em vista que quase todos estavam em seus assentos com trinta minutos de antecedência, como indicado no folheto. Antonio estava afundando-se no assento, sabendo que esse atraso lhe traria consequências. Foi um bom começo!

— Eu não te vi — disse Vicky sem tirar os óculos.

— Você está atrasada.

— Eu dormi... Desculpe! — disse ela, respondendo as reprovações generalizadas —. Anda, seja legal e me deixe sentar ao lado da janela.

— Tivesse chego mais cedo.

— Porfa, porfa...

E foi assim até conseguir com que Antonio lhe cedesse o assento sob a promessa de que trocariam no meio caminho. Entretanto, a viagem acabou sendo um pesadelo, já que, como sua prima não estava acostumada a viajar de ônibus, ela não parou de incomodar, nem pela ignorância nem pelo egoísmo. Por exemplo, assim que Vicky chegou, Vicky estava com sono e decidiu

fechar as cortinas enquanto as crianças ainda estavam dizendo adeus, o que desencadeou uma "guerra de cortinas" a qual a monitora teve que mediar. Então ela precisava esticar as pernas e, vendo que não era suficiente esticá-las por cima de Antonio, ela decidiu colocar os pés — descalços! — entre as frestas do banco da frente. A pobre menina do banco da frente — uma menina muito bonita, por sinal, chamada Sara — não sabia se ria ou chorava. E, ainda não contente por quase ter metido os pés na boca da menina, Vicky começou a colocá-los no encosto do banco, junto com os joelhos, até que Sara não aguentou mais e chamou a monitora para que ensinasse Vicky “a se comportar”.

E não acabou aí. Antonio não podia acreditar quando se viu na mesma situação do início: ele foi se afundando no assento e esperando sua prima para que o ônibus pudesse retomar a viagem após uma pausa para descanso. Depois, ele teve que vê-la chegar tão tranquila, fingindo que não tinha percebido o quanto estava atrasada, mascarando chicletes e com um pacote de batatas fritas na mão.

— Você quer? — disse ela, apontando o pacote para Antonio com uma mão enquanto colava o chiclete na borda da janela com a outra.

— Meu deus menina! É incrível quão mal educada você é.

— E o que você quer que eu faça se não tem nenhum lixeiro aqui?

— Você pega um pedaço de papel, embrulha-o e guarda até você sair.

Vicky olhou ao redor e não viu nenhum papel, mas, quando Antonio puxou um do bolso, decidiu fazer o que seu primo havia “sugerido”.



— E, por favor, tenha mais consideração com os outros ou isso vai ser um inferno — advertiu o menino.

—Consideração?

— Sim. Você não está no carro do papai, então deve seguir as regras e não incomodar os demais.

— Que regras?

— A básica é ficar bem sentadinha em seu assento com o cinto de segurança afivelado. E coloque os sapatos porque teus pés estão fedidos!

— Sim, coloque-os! — disse Sara em seu assento.

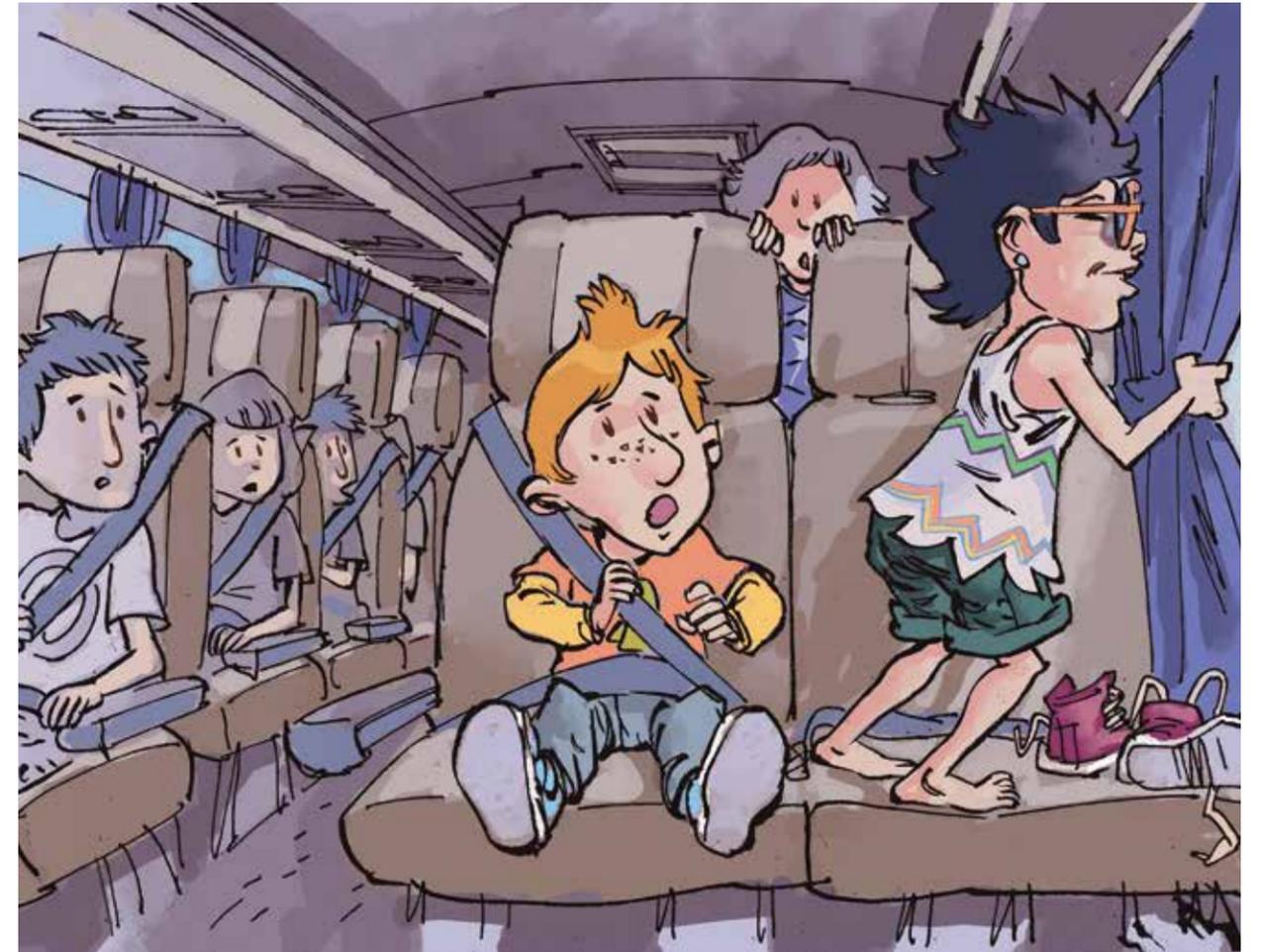
— Ok. Algo mais? — disse ela, jogando o pacote vazio de batatas no chão. Olhando para o rosto de seu primo, ela recolheu e colocou-o ao lado do chiclete.

— Agora que você está no lado do corredor, é melhor não esticar os pés no banco da frente, nem deixar sua mochila no meio do caminho para que alguém tropece.

— Entendido. E nada de incomodar o motorista, essa eu sei.

— Sim, acho que ele é o único que você ainda não incomodou.

Ao chegar ao acampamento, todas as crianças se aglomeraram no corredor e Vicky percebeu que não era a única "selvagem" do grupo. Então, a monitora fez com que eles voltassem para seus assentos e começassem a sair de forma ordenada.



Uma vez lá, os problemas de Vicky com seus companheiros não cessaram, especialmente com as meninas com quem ela compartilhava o quarto, as quais tinham que aguentar sua pasta de dentes por toda a pia e suas coisas espalhadas por todo canto. Sem mencionar a falta de solidariedade com os outros, sempre atrasando as atividades por chegar tarde. No entanto, todos esses problemas básicos de convivência foram corrigidos à medida que os outros iam censurando-a, o que deu a Antonio certo prazer, mas também pena, porque viu que ninguém gostava de sua prima e ela sempre estava sozinha ou com ele.

— Por que não quer fazer amigos? — perguntou Antonio sem saber muito bem se a pergunta era apta para garotas.

— Eles não gostam de mim. Eu sei que não faço nada bem, mas eu tento.

— Eu sei. Mas é que...

— Não sou boa em fazer amigos. Com os de sempre é diferente, já que não me lembro de ter que fazer amizade. Como você faz isso?

— Quando tem alguém do meu lado, eu começo a falar e, geralmente, eles respondem.

Vicky suspirou na sombra enquanto todos se banhavam. Eles tinham ido de bicicleta passar o dia em um pântano perto do acampamento e, ainda que a distância fosse curta, todos estavam bem equipados com seus capacetes.

— A princesa foi pontual hoje? — Sara perguntou enquanto passava por ela.

Começou com o pé esquerdo e a pobre Vicky não sabia como consertar isso. Estava dando voltas quando, de repente, todos começaram a se aglomerar ao redor da monitora, que, aparentemente, tinha machucado o pé indo brigar com algumas crianças que estavam atirando pedras uns aos outros. Eles esperaram um bom tempo, mas o tornozelo dela estava cada vez mais inchado. Então eles decidiram que alguém teria que voltar para o acampamento para pedir ajuda e Vicky viu aí sua chance de fazer algo pelo grupo e mudar a opinião de todos sobre ela.

— Eu irei — disse em voz alta.





— Vou com você — disse Sara logo depois —. Eu não confio em você, princesinha.

Havia dois coletes refletivos no kit de primeiros socorros da monitora, então ambas os colocaram, pois logo começaria a escurecer. Foi Vicky quem se lembrou dos coletes e verificou que ambas as bicicletas tinham luz branca na frente e vermelha atrás, bem como um refletor.

Quando chegaram à trilha, Vicky disse a Sara que era melhor esquecê-la, pois, embora fosse o caminho mais curto, ela notou a quantidade de desvios que havia, e se escurecesse, era mais fácil se perder. Sara achou uma decisão sensata e, então, tentaram voltar para a estrada. No entanto, uma vez nela,

Sara entrou em pânico, pois estava escurecendo e ela não parava de dizer que um carro as pegaria.

— Não se preocupe. Talvez eu não saiba como me comportar em um ônibus, mas sei como as bicicletas devem circular. Se o fizermos corretamente, nada nos acontecerá. Ademais, vamos pela ciclovia, onde não passam carros nem caminhões.

Sara não confiava muito em sua "não amiga", mas estava com medo e Vicky parecia tão segura que se deixou levar.

— Vamos ver... Vamos com muito cuidado: temos que andar pela direita e pelo acostamento. Eu vou primeiro e você vai atrás de mim em uma fileira.

As meninas partiram. Pedalando lentamente, apesar da pressa, pois a escuridão poderia lhes pregar uma peça.

— Por que parou? — perguntou Sara quando chegou a um cruzamento.

— Isso tem que ser feito por precaução. Além disso, outro ciclista está vindo e ele tem preferência.

— O que você está fazendo? — perguntou Sara de novo quando viu Vicky estender o braço horizontalmente na altura dos ombros.

— Estou te avisando que voltarei a pedalar. Você não conhece os sinais? Olha, você se certifica de pode fazê-lo com segurança, sinaliza e inicia. Agora você. Quando chegarmos à entrada do acampamento, que está à direita, vou te indicar com o braço esquerdo dobrado para cima em ângulo reto e com a mão aberta. Vê? — disse enquanto o fazia —. E giro.



— E a entrada estivesse à esquerda?

— Então eu indicaria com o mesmo braço, mas estendido na altura dos ombros e com a mão aberta.

— Como é que você sabe tanto sobre isso?

— Quando eu estou no carro com meu pai e nos entediamos, repassamos todas as regras e sinais de trânsito. Meu pai diz que ele se sente mais seguro e que ele será muito útil para mim.

— Sim, e foi. Você nos trouxe até aqui — disse Sara, saindo da bicicleta —. Desculpe-me. A verdade é que eu não tinha muita fé em você.

— O importante é que no final você confiou em mim. Anda, vamos lá avisar.

Elas cumpriram perfeitamente sua missão. Quando chegaram, morrendo de fome, todas as crianças saíram do ônibus e correram para a cantina, onde já estavam suas companheiras. Eles começaram a se sentar ao redor delas, agradecendo-as e perguntando sobre a façanha: se elas tiveram medo, se não se perderam... Sara contou a todos como Vicky manteve-a calma e como conseguiram chegar ao acampamento em segurança. Enquanto escutava-a, Antonio piscou para a sua prima, fazendo-a entender que, finalmente, o melhor havia começado. E assim foi...

Naquela noite, Vicky percebeu que o jogo de seu pai sobre as regras de circulação era a maneira que ele havia encontrado para ensinar ela a ser uma pessoa que sabe o que fazer e o faz. E mesmo que fosse impensável até então, no final do acampamento ela se sentiu triste por ter que deixar os amigos que havia feito, pois sabia que não importava quantos telefones e cartas eles

trocassem, ela certamente nunca mais os veria. Somente Sara permaneceu em contato com ambos os primos, tornando-se uma grande amiga, que em um ou outro fim de semana ia dormir em sua casa e vice-versa. Mais tarde, quando tinham idade suficiente para sair, a diferença entre os primos tornou-se invisível, já que os três eram parte da mesma turma.

Além da amizade com Sara, esse verão era importante por muitas razões. Vicky aprendeu muito sobre convivência e solidariedade entre colegas. Fazer novos amigos era muito mais fácil do que imaginava, embora tivesse que colaborar, é claro: um pouco de simpatia aqui, um pouco de colaboração lá e, sobretudo, superar a vergonha inicial. Com seu primo Antonio não era tão difícil, porque não sentia aquela barreira ou medo de abrir a boca. Ambos eram muito diferentes, sim, mas, no final, o mais importante é que eles se complementam bem e que, embora às vezes eles se distanciem, eles sempre podem contar um com o outro.

FIM



Laura Gómez Lama, nascida em Madri, concentrou sua carreira como redatora no mundo da educação. Ela trabalhou com imprensa, embora tenha feito sua graduação em Jornalismo, falando sobre os clássicos do cinema na rádio. A magia da mídia e o poder que a palavra exerce na imaginação não só conseguem inspirá-la, mas hipnotizam-a até deixá-la "viajando em outros mundos".

Interessa-lhe a literatura infantil e juvenil, vendo-a como "um aliado na transmissão de conhecimento e experiências dos adultos, que por um momento abandonam sua trincheira para parar de impor lições e se sentar para conversar em pé de igualdade, dizendo às crianças: isto é o que eu seja, o resto é coisa sua".

Atualmente coordena a revista Escuela Infantil.

Sergio Bleda, nascido em Albacete, é cartunista e ilustrador profissional há vinte anos. Suas obras foram publicadas em vários países da Europa e dos Estados Unidos.

Começou a trabalhar como desenhista e roteirista em 1991. O salto em sua popularidade chegou com "El Baile del Vampiro" (A Dança do Vampiro, em tradução literal), série publicada pela Planeta DeAgostini dentro de sua linha Labyrinth, pela qual foi nomeado ao Premio Autor Revelación del Saló internacional do quadrinho de Barcelona no ano de 1998. Esta série e a trilogia "La Conjura de Cada Miércoles" (A Conspiração de Todas as Quartas-feiras, em tradução literal) recentemente foram reeditadas nos Estados Unidos pela editora americana Dark Horse.

Atualmente mora em Valência e continua desenvolvendo sua carreira profissional como cartunista e ilustrador no mercado nacional e internacional.

Continua a
aprender
connosco. Sabe
mais aqui!



www.fundacionmapfre.org